

O MENINO E A MENINA EM OBRAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães
Unicentro Newton Paiva

Sérgio Buarque de Holanda em seu artigo “Descobrimos a infância”¹ afirma que “a presença do mundo infantil na poesia ou na prosa de ficção é um fato que já ocorre com apreciável frequência em livros de nossos escritores atuais”. Foi acompanhando observações como essas que investimos em leituras de obras da literatura que valorizam o mundo infantil. Nesse percurso encontramos textos tanto destinados ao público infantil e juvenil, como obras já consideradas pertencentes ao cânone literário tradicional. Na literatura brasileira muitas obras que representam o mundo infantil podem ser citadas. *Infância*, de Graciliano Ramos, *Campo Geral* e *Tutaméia* de Guimarães Rosa, *O Risco do Bordado* de Autran Dourado. José J. Veiga com os seus *Os cavalinhos de Platiplanto* e *Sombra dos Reis Barbudos*, entre outros, apresentam o mundo infantil, o sofrimento da relação da criança com o adulto, os anseios e os afetos, a solidão vivida na infância.

Temos ainda, *O menino Maluquinho* de Ziraldo, *Exercícios de ser criança*, de Manuel de Barros, *Capitães de Areia* de Jorge Amado, *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, *Mário*, de Bartolomeu Campos Queirós, *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, *Menina Bonita do laço de Fita*, de Ana Maria Machado, poesias de diversos poetas como Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa entre inúmeras outras obras que apresentam o universo infantil. Essa é uma lista interminável.

¹PRADO. (Org.) *Sérgio Buarque de Holanda — o espírito e a Letra*. Estudos de crítica Literária II. 1948-1959. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.154.

Já pudemos perceber que a construção de representações sobre a infância, seja do mundo do menino seja do mundo da menina, remontam da mais antiga tradição literária. Lembramos aqui dos contos de fada. Por essa “estrada a fora” encontramos meninos como o Pinóquio, boneco que virou gente por ser corajoso e salvar seu pai das garras da baleia. Podemos, também, passear na floresta com Chapeuzinho Vermelho, que pretende ensinar que “meninas bonitinhas não deviam dar ouvido a todo tipo de gente. Se o fazem, não é de surpreender que o lobo as pegue e devore”². Nesses dois contos de fada, o universo infantil é apresentado de forma a explicitar a relação entre o prazer da criança e a punição do adulto a esses prazeres. Expressa, também, comportamentos desejados socialmente para o menino e para a menina. Para o menino, a coragem, a necessidade de salvar o pai, dar a vida por ele se for preciso. Para a menina, a necessidade da obediência, de andar sem dar ouvido a “todo tipo de gente”, ou seja, falar com aqueles que fazem parte de sua vida doméstica. Isso demonstra que o interesse da literatura pelo mundo infantil vem desde os contos de fadas, e com certeza, antes deles. Esse interesse pelo mundo infantil pode ser pela

valorização nostálgica desse mundo, que insistimos em julgar ditoso, talvez porque nos seja tão desconhecido como uma paisagem remota que a própria distância tornou idílica (...) E a opressão da criança pela sociedade, pela família, pelos internatos, opressão que gera resignação, mas que suscita igualmente a rebeldia, muitas vezes teve em si alguma coisa de romanesco. (PRADO:1996, p. 154)

A partir do conjunto de obras sobre esse tema que já tomamos conhecimento, escolhemos três personagens para evidenciarmos as visões sobre o universo infantil do menino e da menina que encontramos nessas obras e para verificarmos o que as aproxima e o que as distancia. As obras escolhidas são *O menino no Espelho*, de Fernando Sabino, e *Mário* de Bartolomeu Campos Queirós, e *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga Nunes. Personagens como Fernando, Mário e Raquel constituem

²BETHLEN. *A psicanálise dos contos de fada*. São Paulo: Paz e Terra, 1986. p. 204

diferentes representações da infância que se apresentam em obras da literatura brasileira dedicadas ao público infantil. Faremos referência, também, nesses nossos comentários, à poemas de Cecília Meireles.

Vânia Resende³ em seu livro *O menino na literatura brasileira* afirma, a respeito de *O menino no espelho* :

vejo no livro uma reinvenção da infância, uma busca do ilimitado, do renovado e do universal, a que os momentos iniciais da existência humana conduzem. O escritor, no presente da sua criação, se volta para um espaço e um tempo míticos, recusando limites demarcados e a verdade de uma história, distanciando-se do real circunstancial, para aproximar-se do inesperado, do imprevisto, do absurdo e do supra senso de si. Assim, a realidade do livro é uma ficção duplamente irreal: é o olhar do escritor no espelho, desvelando a sua própria face oculta e desconhecida e a orgiem hieroglífica, de todos nós, que está na infância.(RESENDE:1988, p. 69)

Esse comentário nos confirma a visão de que tratar da infância é tentar recuperar um tempo e um espaço míticos e idílicos, como também já nos afirmou Sérgio Buarque de Holanda. Entretanto, ao reinventar a infância, através da memória, há uma representação daquilo que se pensa ser a identidade do menino que “se foi”. E, nesse ponto, não há, a nosso ver, tantos imprevistos na obra de Fernando Sabino.

Fernando, o menino, rompe as fronteiras entre o real e o imaginário, entretanto é aquele que quer ser “feliz para o resto da vida”, tem a companhia de um animal doméstico, é aventureiro e aprecia o mundo das investigações, joga futebol, namora, vai ao cinema assistir filmes de bandido e mocinho, como vários outros meninos. As afinidades com os heróis de revista, do cinema e da literatura eram grandes: queria nadar tão bem e ser tão forte como o Tarzã, fazer magia como o Mandrake, visitar o sítio do Pica-pau amarelo e viver as aventuras de Pedrinho, apreciava voar, formava turma com os amigos para achar tesouro escondido, alimentando o espírito de aventura.

³RESENDE. *O menino na literatura brasileira*.São Paulo, Perspectiva, 1988, p.69.

Fernando cria um outro real no seu mundo imaginário e apresenta, a partir daí, aquilo que caracteriza a infância de um menino de seu tempo.

A obra *Mário* de Bartolomeu Campos Queirós é escrita a partir do poema “O menino poeta” de Henriqueta Lisboa e apresenta um outro viés da infância. Nessa obra, Bartolomeu recupera todos os elementos existentes na poesia de Henriqueta Lisboa para constituir a identidade do menino Mário.

A obra do Bartolomeu é construída por uma linguagem narrativa poética e lírica. A narrativa de Bartolomeu é poesia. O trabalho é marcado pela intertextualidade com o poema. Ele como que costura uma obra na outra. Nos versos de Henriqueta encontramos “o menino poeta/não sei onde está. Procuro daqui/procuro de lá.” No poema, a procura pelo menino poeta passa por “águas de Lambari”, pelo rio no qual “existe um menino com dó dos peixinhos”. O menino poeta é para ser encontrado “para me ensinar/ as bonitas cousas/ do céu e do mar.”

O livro de Bartolomeu começa encontrando a poesia do menino poeta, embora prossiga a narrativa procurando e contando “de onde veio sua poesia”. E ela veio do mar e do rio, dos peixes, do barulho da cachoeira, das nuvens, das plantas, do céu, das aves, da hera, do ninho, do ovo, do pássaro. Esse processo de alusão intertextual evidencia um Mário, o menino poeta, como um retrato da infância no apuro de seus cinco sentidos, livre de conceitos e preconceitos.

E no seu nome, que era feito de mar e rio, moravam peixes que enfeitavam seus sonhos. Peixes do mar que dançavam canto de sereia. Peixes do rio que dormiam barulhos de cachoeira. Mário era feito de águas. No choro — água salgada — Mário descobria o mar. Na sede, Mário alimentava o rio. Por ser água, Márioolhava o céu e as núvens, as plantas e as aves.

Mário, menino e poeta, é a natureza e tudo que dela advém — a poesia. No final do livro, a poesia desses mais diversos elementos que constituem Mário é enunciada:

Engasgado na hera
da janele

um ninho de passarinho

Ovo fechado
envelope lacrado
carta plena para o mundo

Depois, em todo tempo
e por todo vôo,
circulará notícia sua.

(hoje, Mário é menino e poeta)

A ilustração da obra, feita por Sara Ávila, apresenta o personagem em todos os seus elementos água, peixe, pássaro, hera, ovo, ninho. Todos os elementos que vão construir a lírica do poema estão presentes em todas as ilustrações, de todas as páginas. A identidade de Mário construída no texto é representada na ilustração em cada detalhe da página.

Se por um lado a obra de Fernando Sabino representa a infância a partir do real, a obra de Bartolomeu vai se distanciar por completo dos limites impostos pela realidade uma vez que parte de um poema e chega a um poema. O imaginário de Fernando, personagem de *O menino no espelho*, está preso à sua experiência, a uma forma de ser peralta. Já a identidade de Mário está fora desse paradigma, está no que se lembra por um processo de leitura. A aventura de que se lembra é a aventura da leitura. Fernando é um personagem que cria suas variações do mundo, cria seu duplo para alterar uma experiência. Em Mário, o valor não é o da experiência é o valor da poesia, da leitura da poesia. Mário é a própria evanescência da poesia. Se Fernando é um menino que vive a procura da imaginação, cria um imaginário para si, Mário é o imaginário. Um imaginário poético. Para um, a criação é a peraltice, a aventura, para outro é a poesia. Um procura a poesia, outro procura fugir do real.

Ambas as narrativas, entretanto, conservam um caráter memorialístico, lembra-se de uma infância que é momento de liberdade e criação. O menino é sensível para perceber as coisas pequenas, brincar com formigas e ovos nos ninhos. Nas duas obras, o processo de criação consolidado, ou seja, — a condensação dos elementos — se aproxima de processos mnemônicos.

Entre as meninas, Raquel de *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga Nunes incomoda-se, profundamente com aquilo que está determinado para ela. Raquel é uma menina em conflito consigo e com a família. Esse conflito advém, justamente do fato de querer negar o que estava determinado para ela. Quer se safar do que estava estabelecido e fazer suas vontades se desenvolverem. Quer um lugar.

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequeninha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras — as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida — ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum.

Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever.

As vontades de Raquel representam o desejo da criança de deixar de se submeter aos adultos. E, na obra, o litígio entre a identidade feminina e masculina transforma-se num dos pontos fundamentais aos quais a personagem se dedica. A menina quer ser menino para fazer todas as coisas que menino pode fazer. Para ter o poder que os meninos têm, poder esse comparado a de um adulto. Dessa forma, o conflito de identidade está a serviço da aquisição de um certo poder. Poder esse encontrado, pela personagem, na escrita. É através da escrita que ela descobre como realizar todos os seus desejos.

Minha semana de castigo foi ótima: escrevi à vontade — tudo que passava na minha cabeça, e tudo que acontecia na bolsa amarela. Escrevi também pra turma da Casa dos Consertos. Os quatro me responderam logo. Cada carta boa mesmo. E eu fiquei pensando que fazia uma bruta diferença a gente ter amigo.

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto.

O processo escritural vivido por Raquel possibilita que ela realize seu desejo de soltar pipa como os garotos soltam pipa. Pela escrita, os limites das identidades vão se rompendo e deixando de limitar o mundo entre o das meninas e o dos meninos. Raquel cria um mundo seu. Para os seus desejos.

Também na poesia encontramos meninas diversas que nos apresentam esse mundo infantil. O poema *As meninas* de Cecília Meireles é uma amostra da diversidade do feminino.

As Meninas

Arabela
abria a janela.

Carolina
erguia a cortina.

E Maria
olhava e sorria:
“bom dia!”

Arabela
foi sempre a mais bela.
Carolina,
a mais sábia menina.

E Maria
apenas sorria: “
“Bom dia!”

Pensaremos em cada menina
que vivia naquela janela;
Uma que se chamava Arabela,
outra que se chamou Carolina.

Mas a nossa profunda saudade
É Maria, Maria, Maria,
que dizia com voz de amizade:
“Bom dia!”

Neste poema, Cecília Meireles apresenta características femininas muito diversas. A Arabela é a bela, a Carolina é a sábia e a Maria é agradável, simpática, afetuosa. Na nossa opinião, é importante percebermos o que significa cada uma delas. Elas significam os gestos que fazem: abrir, olhar, sorrir, dizer. Dessa forma, a menina que abre a janela é bonita, a que está atrás da cortina é sábia e aquela que executa mais ações: sorri e diz é afetuosa e é aquela da qual todo mundo sente saudades. Se pensarmos que essas meninas são representações da infância, pode-se dizer que o que fica de cada infância é a saudade que todos sentem de “Maria, Maria, Maria”. Da infância que só olha a janela, não fica nada, da infância que fica escondida atrás da cortina não fica, da infância que olha, sorri e diz, fica saudade. Constrói-se um universo no qual não são os conceitos de beleza e de sabedoria que prevalecem. O representação de infância que se concretiza é o da relação com a realidade, com as pessoas. E é dessa infância engajada que se sente saudade, não da infância enclausurada. Dessa não se tem saudade.

Um outro poema de Cecília Meireles pode ser lido, a nosso ver, também nessa perspectiva de se verificar de que forma a infância é representada. É o poema Jogo de Bola.

Jogo de Bola

A bela bola
rola:
a bela bola do Raul.

Bola amarela,
a da Arabela.

A do Raul,
azul.

Rola a amarela
e pula a azul.

A bola é mole,
é mole e roal.

A bola é bela,
é bela e pula.

É bela, rola e pula,
é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela,
E a de Arabela é de Raul.

Esse poema, a nosso ver, consolida a aproximação dos universos masculino e feminino na infância. Temos aí duas crianças Raul e Arabela jogando bola. São, também, duas bolas no jogo, uma de cada criança, com sua identidade marcada pelas cores. As cores são o azul e o amarelo. E o jogo se consolida pelas palavras bela, bola, rola, pula, amarela, azul que formam um universo sonoro muito comum na obra da Cecília. O que mantém a ligação entre o menino e a menina é o jogo. A essência da infância é a brincadeira, o jogo, o lúdico. Essas duas crianças se relacionam de tal forma que eles se entrelaçam em uma realidade única, de forma que a bola amarela é de Raul e a azul é de Arabela. Esse jogo de bola vai representar a fusão dos universos infantis menino e da menina, universo esse, cujo símbolo é o jogo. Esse jogo, próprio da infância, suprime o limite imposto pelo mundo adulto.

Essas leituras apresentam o lado nostálgico e idílico da infância. São personagens que evidenciam a sensibilidade, o imaginário, o lúdico. Evidenciam, ainda, que falar da infância está ligado a aspectos da memória, e consequentemente, à lembrança e ao esquecimento. São obras que vão aproximar a infância de relações tais como poesia e vida, deslocamentos e transformação, travessia e identidade, sonho e liberdade. São relações que provocam a travessia dos personagens e a construção das identidades que se deseja. São travessias que representam um certo amadurecimento do que se experimenta seja pela procura da poesia, pelo litígio familiar, pelo sonho, pela saudade, pelo jogo. Essa

idéia da infância como travessia e amadurecimento pode ser percebida pelo fato de que, nessas obras, as crianças se transformam em sua condição mesma de menino ou de menina. Essas travessias do passado remoto “que os anos não trazem mais” são os universos do menino e da menina que se encontraram como no jogo de bola de Cecília Meireles “A amarela é do Raul, a azul de Arabela”.